

 Lendo a Bíblia

## Coleção **LENDO A BÍBLIA**

---

- *Lendo o livro de Lamentações*, Luiz Alexandre Solano Rossi
- *Lendo o livro dos Salmos*, Carlos Mesters e Francisco Orofino
- *Lendo o livro de Joel*, Luiz Alexandre Solano Rossi e Natalino das Neves
- *Lendo o Evangelho segundo Mateus*, Jaldemir Vitório
- *Lendo o Evangelho segundo João*, Pedro Lima Vasconcellos
- *Lendo as cartas de João*, Pedro Lima Vasconcellos

Luiz Alexandre Solano Rossi

**Lendo**  
**O LIVRO DE LAMENTAÇÕES**  
*Solidariedade e ternura em meio à tragédia*



Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*  
Coordenação editorial: *Paulo Bazaglia*  
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*  
Imagem da capa: *O incêndio de Jerusalém pelo exército de Nabucodonosor (detalhe),  
Juan de la Corte, 1630-1660*  
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Os textos bíblicos são tirados da Nova Bíblia Pastoral, Paulus, 2014.



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos  
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Teleendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2019

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5018-3

## INTRODUÇÃO

O livro das Lamentações traz para o leitor um virulento conflito entre fé e realidade histórica. Até onde se possa olhar, o cotidiano parece desmoronar-se. Todos os fundamentos da fé foram reduzidos a cinza assim como a própria cidade de Jerusalém. Pensar em Lamentações leva necessariamente a refletir sobre reconstrução. Todavia, não simplesmente a reconstrução de muralhas, paredes, casas, templo etc. A mais necessária das reconstruções seria a reconstrução do ser humano, que experimentava o rebaixamento de sua vida à totalidade da miséria.

O mundo é feito também de dores. No léxico do povo de Deus que encontramos em Lamentações, a existência de homens, mulheres, idosos e crianças é marcada por conflitos psicológicos, religiosos, físicos, sociais e políticos. Para aqueles que conseguiram sobreviver, os sentimentos mais contraditórios deveriam povoar a vida: solidão, abandono, fome, separação, dores, lamentações. Restava apenas uma opção para cada um dos sobreviventes: cultivar a esperança, ou aceitar o desespero como projeto de vida.

A leitura de Lamentações leva o leitor a concluir que não existe sofrimento estranho. Por isso, em cada linha, encontramos uma combinação entre esperança e dor. São duas experiências da vida que não se autoexcluem. Não é possível viver sem os dois. A história de todas as pessoas é marcada por elas. Esperança e dor não são coisas contraditórias. Ajudam a perceber que, em meio à tragédia que pode nos atingir, a ternura de Deus é imperecível. A ternura de Deus superabunda em meio à tragédia.

O sofrimento e o clamor dele resultante jamais podem ser pensados como algo privatizado. Necessariamente, eles

alcançam a todos, mesmo quando, e por isso mesmo, atingem alguém diferente de nós; são públicos, ou seja, todos podem escutar a voz dos que sofrem e agir. Porém, é excessivamente forte a tentação de evitarmos o sofrimento. Soa até mesmo natural fechar os olhos ao depararmos com outros olhos e olhares que demonstram sofrimento. Deus é maior do que nosso sofrimento; mas será que as pessoas que nos acompanham são pelo menos solidárias em meio à nossa dor?

Possivelmente, é dessa insensibilidade “natural” que morrem as pessoas. Todavia, seria possível humanizar a dor? Talvez sim. Mas, para isso, deveríamos considerar seriamente o conselho de Simenon: “Para entender a aflição de outras pessoas, provavelmente se faz necessário colocar-se, pelo menos durante alguns minutos, uma vez na vida, no lugar de cada uma delas”. Numa sociedade que estimula o individualismo e potencializa o narcisismo, não é de se estranhar que a dessensibilização do humano também se faça presente. Somos naturalmente insensíveis à dor, desde que não seja nossa própria dor.

Não existe sofrimento estranho. Nos lugares onde não se pode fazer nada, se faz necessário compartilhar o sofrimento. Assim, a prática da solidariedade torna-se tanto uma fonte de desejo quanto de esperança, abastecidos pela fraternidade, que presumidamente existe em todo ser humano. Assim, onde quer que exista o sofrimento, mesmo que distante, cada um de nós está relacionado com ele. Os que sofrem estão umbilicalmente relacionados com os que não sofrem. Um e outro são inseparáveis, pois a dor não escolhe entre amigos e inimigos.

Não existe sofrimento estranho porque ele afeta a todos. Somos copartícipes dele. E, por isso, somos continuamente interrogados sobre o que fazemos com nossa vida. Onde nos encontramos diante do sofrimento, que atinge com fortes ondas a muitos? Sofremos junto com as vítimas, ou nos posicionamos ao lado dos causadores de sofrimento? Um fato parece fora de dúvida: o sofrimento não admite neutralidade. Arriscaria dizer que vicariamente sofremos pelos outros. Quando isso ocorre, há um sofrimento que nos liberta, ao libertar nossos próximos das dores sofridas.

As condições sociais determinantes do sofrimento podem ser alteradas a partir das ações de cada um. Possuímos a capacidade de mudar e de aprender com o sofrimento, em vez de nos tornarmos piores. No entanto, algumas barreiras precisam ser ultrapassadas, haja vista que elas não são intransponíveis. Penso em duas barreiras predominantes: a primeira delas é o embrutecimento do ser humano; a segunda é a dessensibilização. Assim, a única maneira de vencer as barreiras que se apresentam seria a de compartilhar a dor dos que sofrem, não abandoná-los à própria sorte e, além disso, fazer com que o clamor de cada um deles encontre eco.

Ler o livro das Lamentações é um exercício de nos colocarmos no lugar do outro!

## **Um pouco de história**

Assim lemos em 2Rs 25,8-12:

No dia sete do quinto mês, correspondendo ao ano dezenove de Nabucodonosor, rei da Babilônia, Nabuzardã, chefe da guarda e oficial do rei da Babilônia, chegou a Jerusalém. Ele pôs fogo no templo de Javé, no palácio real e em todas as casas de Jerusalém, e incendiou todas as mansões. Ao mesmo tempo, o exército caldeu, que acompanhava Nabuzardã, chefe da guarda, destruiu as muralhas que rodeavam Jerusalém. Nabuzardã exilou o resto do povo que tinha ficado na cidade, os desertores que tinham passado para o lado do rei da Babilônia e o resto da população. O chefe da guarda deixou uma parte do povo pobre da terra para trabalhar nas vinhas e nos campos.

Dessa forma, o livro dos Reis descreve o começo do fim da queda de Jerusalém. É também o contexto para refletir a respeito da dor e do local predileto para lamentar. Estamos no ambiente do livro das Lamentações, livro que fala de dor e de oração, de tragédia e de gestação da esperança. O livro das Lamentações tem por objetivo suprir o significado dos fatos e descobrir a face de Deus, em meio à dor.

Lamentações talvez possua a maior densidade de catástrofe e de dor por linha em toda a Bíblia. É como se estivesse presente uma atmosfera de morte e decomposição. É dor que provoca gemidos. Mas não qualquer gemido. São gritos lancinantes de dor. Gritos/clamores que estão por todos os lados. Todavia, são gritos de libertação. Afinal, quem sente dor também clama. De certa forma, poderíamos dizer que Lamentações contém um clamor que liberta. E, por isso, é também um texto pedagógico, ou seja, ensina que quem não sabe gritar a sua dor perde a capacidade de lutar com (ao lado?) de Deus e de exercitar a própria fé.

### **Olhando os acontecimentos por dentro: uma dor em dois atos**

Estamos em 597 a.C., as tropas babilônicas iniciam a marcha em direção a Jerusalém. Num primeiro momento, sitiavam-na. Muito provavelmente, o soberano da Babilônia não estava à frente de seu poderoso exército; essa tarefa estava sob a responsabilidade de seus oficiais. Uma crônica babilônica registra o acontecimento com estas palavras: “No ano 7, no mês de Quisleu, o rei de Acad revistou suas tropas, marchou ao país de Jatti e acampou contra a cidade de Judá (Jerusalém); e, no segundo dia do mês de Adar, conquistou a cidade e capturou seu rei. Instituiu ali um rei segundo seu coração, recebeu seu pesado tributo e enviou (o tributo e os prisioneiros) a Babilônia” (linhas 11-13).

Em Jerusalém, reinava Joaquin (seu pai, Joaquim, falecera durante o período de sítio). Um reinado curto (598-597) e cheio de dificuldades. Entre elas, Joaquin abriu as portas da cidade com o objetivo de aplacar o desejo de conquista dos babilônios. Através de sua capitulação, intentava livrar a cidade do saque e da destruição. Mas o rei se enganou! Nabucodonosor estava firmemente decidido a fazer o pequeno estado de Judá passar para o segundo estágio de vassalagem, conforme o modelo assírio. Contudo, a cidade não foi destruída. O rei judaíta, sua mãe, suas esposas, os funcionários e nobres mais importantes, o pessoal de guerra mais destacado e os artesãos especializados na fabricação de armas foram deportados para a Babilônia.



Provavelmente uns 10.000 exilados, junto com os tesouros do templo e do palácio real, a fim de que o rei se alegrasse com eles.

Mas o que implica a vassalagem? Simplificadamente, podemos dizer que a vassalagem é um sistema de aniquilamento gradual da autonomia política dos pequenos Estados, com o objetivo de incorporá-los na estrutura das províncias do império conquistador. São três os estágios de vassalagem. Resumidamente, podem ser assim descritos:

1º estágio: é a constituição de um relacionamento de vassalagem por meio da demonstração do poderio militar, da obrigação ao pagamento de tributos regulares (anuais) e, em muitos casos, da exigência de tropas auxiliares.

2º estágio: quando se comprovava qualquer tipo de conspiração por parte do povo conquistado, ou mesmo se suspeitava disso, acontecia uma imediata intervenção militar. O vassalo infiel era eliminado e se instalava um rei que não questionasse o império conquistador. Como consequência dessa insubordinação, o território ficava drasticamente reduzido, aumentando também a pressão militar-diplomática, elevando-se os tributos obrigatórios.

3º estágio: ao menor sinal de insurreição, ocorria nova e definitiva ocupação militar, eliminação do rei vassalo, liquidação da autonomia política do estado e estabelecimento de uma província pelo conquistador. Mas outras medidas ainda ocorriam paralelamente, tais como: construção de novas fortificações, assentamento de colônias militares, deportação da elite nativa e posterior assentamento forçado de uma elite estrangeira.

Nabucodonosor impõe a Judá o 2º estágio. Contudo, devemos salientar que não ocorreu uma cópia exata da prática assíria de deportação. É muito possível que Nabucodonosor tenha realizado reduções de território (cf. Jr 13,18-19). E, para resolver o problema da vaga do trono davídico, o rei decidiu-se por Matanias – o terceiro dos filhos de Josias – após mudar seu nome para Sedecias.

Não podemos dizer que Sedecias tenha sido rei de fato. Era mais uma criação do rei babilônico. Seu reinado beirava um grande naufrágio. Contudo, Sedecias, ingênua e desastrosamente, decidiu pelo rompimento com a Babilônia (cf. 2Rs 24,20b). Essa insensatez política iria custar muito caro. Nabucodonosor decidiu acabar com a relativa autonomia política do reino de Judá e passá-lo para o terceiro e último estágio de vassalagem. Nessa oportunidade, as forças militares foram as principais atingidas (confira 2Rs 24,14-16). O objetivo não era outro senão o de evitar futuras mobilizações militares a partir de Judá. Acompanhando os militares, encontramos sendo levada ao exílio também a classe dirigente do país: rei, funcionários, ministros, nobres e artesãos (ferreiros e carpinteiros). Pode-se dizer que a primeira deportação (597 a.C.) visava, principalmente, à desmilitarização.

Estamos no ano 587 a.C. É o segundo ato de uma mesma dor. Os exércitos babilônicos surgem pela segunda vez na Palestina. Novamente sitiaram Jerusalém e, depois de um ano e meio, conquistaram-na e a destroem. O interior de Judá pode ser conquistado com bastante rapidez. As últimas cidades a cair foram Azeca e Laquish (cf. Jr 34,7). Quando os babilônios conseguiram abrir a primeira brecha nos muros da cidade (cf. 2Rs 25,4), sua população se encontrava esfomeada e exausta, não tendo mais forças para resistir.

Sedecias e sua família tentaram a sorte fugindo pela Transjordânia, mas não conseguiram êxito. As patrulhas babilônicas prenderam-no e sua comitiva, levando-os até o quartel-general de Nabucodonosor, em Rebla. Aí, Sedecias viu seus filhos e membros de sua corte serem trucidados. Nabucodonosor, depois, mandou cegá-lo e transportá-lo, acorrentado, para a Babilônia. O objetivo principal da segunda deportação era, sem sombra de dúvida, a desurbanização de Judá.

O saque e a destruição total de Jerusalém tiveram início mais ou menos um mês depois, no dia 7.V. do calendário babilônico. A cidade foi arrasada, e o templo de Salomão foi queimado de alto a baixo. Tudo foi saqueado e destruído. Foi levado tudo o que era considerado de valor, incluindo as duas

colunas do templo, que mediam 9 metros e tinham capitéis de 1,5m, tudo de bronze.

A deportação esteve sob a responsabilidade de Nabuzardã, que era o chefe da guarda pessoal do rei. Ele mandou levar os altos funcionários e os líderes dos sacerdotes para o quartel-general em Rebla – mesmo local onde Sedecias foi obrigado a testemunhar o assassinato de seus filhos e membros de sua comitiva –, para que aí fossem executados (cf. 2Rs 25,18-21).

A partir desse segundo momento, a crise se instalaria de maneira definitiva. Na memória do povo, ainda era recente a dor causada por duas outras grandes tragédias: a destruição de Samaria, em 722 (cf. 2Rs 17,5-6), e a morte do rei Josias, em 609 (cf. 2Rs 23,29-30).

Ao cercar Jerusalém com seu exército, Nabucodonosor dava início a uma situação de dor sem precedentes na história do povo. Afinal, a tragédia levava embora todos os pontos de referência que davam identidade ao povo, ou seja, a terra, o rei e o templo, ao mesmo tempo que levava o povo a mergulhar numa situação de completa perda de direção histórico-religiosa e existencial. O projeto de Javé parecia ter fracassado. O deus de Nabucodonosor havia se mostrado mais forte e eficiente. A dor da derrota se apresentava com mais força do que a vida.

Um mesmo episódio que permite duas leituras: se lêssemos a conquista de Judá e a destruição de Jerusalém a partir da estratégia política, chegaríamos à conclusão de que a origem da tragédia se encontra na obstinada rebeldia dos judaítas e do consequente poder bélico do exército de Nabucodonosor. Mas a leitura a partir de um viés religioso indica outra origem da tragédia. O próprio Javé seria o autêntico inimigo de seu povo!

Um lembrete se faz necessário, para não cairmos no erro da generalização. Às vezes, temos a impressão de que a tragédia atingiu a todos indiscriminadamente. Porém, devemos reconhecer que Lamentações não descreve a situação dos camponeses, mas, sim, das cidades. No campo, há o nascer de certo bem-estar nos meses subsequentes à destruição das cidades. É o que testemunha Jeremias 40,12: “Então começaram a voltar judeus de todos os lugares por onde haviam se

espalhado; entraram em Judá, junto a Godolias, em Masfa, e fizeram uma colheita abundante de vinho e frutas”. Podemos, pois, concluir dizendo que o interesse das Lamentações está circunscrito ao que ocorria em Jerusalém e seus arredores e, conseqüentemente, o livro silencia a respeito do campo.

## **Estilo literário e estrutura**

A tradição costuma atribuir as Lamentações ao profeta Jeremias. Em 2 Crônicas, encontramos indícios nessa direção: “Jeremias compôs uma lamentação em honra de Josias, e até hoje cantores ainda cantam essas lamentações por Josias. Tornou-se um cântico tradicional em Israel e se encontra nas Lamentações”. Também os tradutores gregos do segundo século atribuíram o texto a Jeremias. Contudo, esses dados não podem ser considerados históricos. As informações mais antigas a que temos acesso não relacionam o livro das Lamentações com Jeremias. Além disso, o conteúdo das Lamentações não pode ser situado próximo ao conteúdo do livro de Jeremias.

É provável que Lamentações seja uma coleção de poemas que compartilham de uma unidade temática, isto é, a queda de Jerusalém. Assim, temos uma coleção de poemas e uma pluralidade de autores, sem nenhuma possibilidade de identificar a quantidade exata deles ou ainda sua identidade real. No entanto, seria possível afirmar que os autores estariam familiarizados com as tradições teológicas e literárias do Antigo Testamento. E, conseqüentemente, a data precisa de sua composição é controversa. No máximo, poderíamos mencionar, com certa precisão, o período entre a queda de Jerusalém (587/6) até o começo da repatriação em 538.

As lamentações são cantadas a partir dos sobreviventes de Sião (Jerusalém). Muito provavelmente, os autores eram sobreviventes da catástrofe. Trata-se de uma composição poética de cinco capítulos. Neles estão reunidos cantos fúnebres, lamentações individuais e coletivas.

Em hebraico, o conteúdo do livro tem organização muito interessante: a primeira letra dos versículos obedece à seqüência do alfabeto hebraico. Seria, então, um texto no estilo

de salmo alfabético ou acróstico. Nos capítulos 1 e 2, cada estrofe contém três linhas. A primeira linha de cada estrofe começa com a letra *alef* (primeira letra do alfabeto hebraico), a segunda com a letra *beth* (segunda letra do alfabeto hebraico), e assim sucessivamente. No capítulo 3, cada estrofe tem três linhas, e as três iniciam com a letra apropriada. No capítulo 4, ocorre algo semelhante, mas cada estrofe só tem duas linhas. O capítulo 5, por sua vez, não é um alfabeto acróstico. Todavia, possui as 22 linhas correspondentes ao número de letras do alfabeto hebraico. Os cinco capítulos contêm, cada um, tantos versículos quantas são as letras do alfabeto hebraico, ou seja, 22.

O expediente utilizado pelo autor é cheio de plasticidade. Um estilo artificial, mas nem por isso ineficaz. Ao enquadrar o poema entre o *alefe* e o *tau* (primeira e última letras do alfabeto hebraico), talvez ele queira dizer que praticamente a totalidade do sofrimento humano, a resposta solidária a ele e a gestação da esperança estão compreendidos – de A a Z – no poema.

Para comunicar sua mensagem, o(s) autor(es) de Lamentações faz(em) uso da seguinte estrutura:

- Capítulos 1 e 2: descrevem a dor coletiva;
- Capítulo 3: é o eixo de todo o livro e combina a lamentação individual com a comunitária;
- Capítulos 4 e 5: descrevem a dor coletiva.